NOVAS RELIGIOSIDADES NO CATOLICISMO CONTEMPORÂNEO: ORIGEM E CARACTERÍSTICAS

Josivan Ferreira de Arruda[1]

Resumo

A pesquisa analisa as características das novas religiosidades no católico contemporâneo. A partir das contribuições de Peter L. Berger e Thomas Luckmann (2004), compreende-se que o pluralismo provoca uma crise das estruturas de plausibilidade que tradicionalmente sustentavam as crenças. Danièle Hervieu-Léger (2008) contribui para a compreensão desse fenômeno por meio dos conceitos de "bricolagem" religiosa, "crer sem pertencer" e "religiosidade peregrina", evidenciando o processo de individualização das crenças. A pesquisa é bibliográfica. Conclui-se que as novas religiosidades evidenciam uma reconfiguração das formas de crer.

Palavras-chave: Novas religiosidades. Bricolagem religiosa. Novas comunidades católicas.

1 INTRODUÇÃO

No contexto atual das sociedades modernas, a crença e a participação religiosas são "assuntos de opção pessoal", que dependem da consciência individual e que nenhuma instituição religiosa, cultural ou política pode impor, a quem quer que seja. Na verdade, não é a indiferença com relação à crença que caracteriza nossas sociedades. A novidade é o fato de que a crença escapa totalmente ao controle das grandes instituições religiosas, gerando a individualização das crenças religiosas.

No âmbito da religião, como nas demais esferas da sociedade, a capacidade do indivíduo para elaborar seu próprio universo de normas e de

[1] Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru – FAFICA. Bacharelando em teologia na Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. Pesquisador voluntário pelo programa PIBIC 2025-2026. E-mail: josivanferreiraarrudajfa@outlook.com

valores, a partir das suas demandas subjetivas, tende a impor-se, sobrepondo-se aos esforços reguladores das instituições. Os crentes modernos reivindicam seu direito de construir a própria identidade baseada nas mais diversas características das inúmeras religiosidades e espiritualidade, e, ao mesmo tempo, o de fazer suas escolhas de crenças.

Observa-se múltiplas formas e arranjos da fé na contemporaneidade, tanto no que se refere a escolhas de elementos dentro do seu próprio sistema religioso, quanto entre diferentes sistemas. O que interessa ao fiel não é tanto a verdade objetiva do sistema religioso com suas cosmovisões, Teologias, doutrinas e regras morais, mas, sim, as suas próprias perguntas subjetivas, ou seja, a busca de resposta às suas próprias perguntas objetivas. O critério da verdade desliza da objetividade da instituição, deslocando-se para a subjetividade do crente.

O campo religioso, em suas múltiplas interfaces com a cultura e a sociedade, apresenta-se como uma rica e complexa manifestação de fenômenos religiosos no Brasil. Variados movimentos, nos espaços de tempos em uma velocidade implacável, acabam ganhando configuração na atualidade. Pode-se observar, nas múltiplas gramáticas dos fenômenos religiosos na atualidade, como esses arranjos da fé são ricos e complexos, nas suas mais variadas formas de constelação. Essa pesquisa busca analisar o contexto e as características dessas novas religiosidades, que caracterizam o cenário católico contemporâneo no Brasil.

2 ESBOÇO DO RETRATO DO CATOLICISMO CONTEMPORÂNEO

A identidade do indivíduo se forma a partir de sua vivência cotidiana no agir social. Para (Berger e Luckmann, 2004, p. 17) "A vida cotidiana está repleta de múltiplas sucessões de agir social, e é, somente neste agir, que se forma a identidade pessoal do indivíduo. Vivências puramente subjetivas são o fundamento da constituição do sentido" do próprio indivíduo, quando ele age na sociedade ou no ambiente que ele cresce e se desenvolve como

pessoa pertencente a um determinado grupo de indivíduos. É aí que ocorrem na consciência do indivíduo a constituição de sentido.

Nessa construção entra, também, elementos de sentido modelados historicamente nas vertentes mais antigas do agir social. Na constituição de sentido, nas sociedades pré-modernas, esses modelos de soluções dos antepassados, em grande parte, resolviam as questões de plausibilidade social. Eles se tornavam padrões para a construção de sentido e plausibilidade social. Porém, na Modernidade, isso vai mudar drasticamente. Para os autores, a realidade social é construída e sustentada por universos de sentido que dependem de reconhecimento coletivo para se manterem plausíveis socialmente.

Em sociedades tradicionais, por outro lado, esses universos, frequentemente ancorados na religião, gozavam de ampla legitimidade social, formando aquilo que Berger chamou de "estruturas de plausibilidade", isto é, contextos sociais que tornam certas crenças evidentes e indiscutíveis (Berger; Luckmann, 2004). Com a modernidade, porém, emerge o pluralismo como condição estrutural. A coexistência de múltiplos sistemas de interpretação da realidade rompe o monopólio das instituições tradicionais.

Nas sociedades tradicionais, nas instituições com as suas normas e leis, as pessoas não tinham a preocupação de pensar em diferentes alternativas, porque, elas já estão prontas e, basta apenas cumpri-las dentro do padrão das normas as quais a pessoa está inserida na dinâmica de uma vivência institucional. Na Modernidades, porém, marcada pelo pluralismo, o ser humano é motivo de perigo, porque, pensa por si mesmo e, corre o risco de confrontar a instituição ou as normas de certa sociedade, com seus hábitos padronizados e, assim vindo a corromper com eles.

Neste cenário, como afirma Hervieu-Léger (2008), apresenta-se um campo interessante para analisar aspectos do panorama religioso atual, que é o fenômeno da "bricolagem", ou seja, é uma certa ida e volta pelas crenças e religiões que o indivíduo realiza, buscando construir um sentido

apara a sua própria existência. É uma vivência "aqui e acolá", sem o mínimo compromisso. É um estar enquanto supre suas vontades e seus desejos. A autora intitula esse fenômeno como "bricolagem de crenças", que é uma individualização e liberdade na dinâmica de construção dos sistemas de fé. Elas se distanciam cada vez mais ao modelo estabilizado.

Cada vez menos as práticas controladas pela instituição são vividas ou praticadas. As sociedades modernas cada vez menos são sociedades de memória, sendo conduzidas ou governadas pelo paradigma da incerteza. Como afirma, Hervieu-Léger (2008, p. 10:

> Os indivíduos constroem sua própria identidade sociorreligiosa a partir dos diversos recursos simbólicos colocados à sua disposição e/ou aos quais eles podem ter acesso em função das diferentes experiências em que estão implicados." […]. "O que caracteriza a religiosidade das sociedades modernas é a dinâmica do movimento, mobilidade e dispersão de crenças.

Segundo a autora, observa-se duas tendências majoritárias de indivíduos, no seio do catolicismo: o "convertido" e o "peregrino". O convertido ou refiliado, é caracterizado por uma postura de um praticante com afinco, engajado, com uma tendência mais conservadora. Por outro lado, o peregrino está profundamente ligado ao contexto descrito por Peter L. Berger (2004), no qual o pluralismo moderno, que multiplica as ofertas de sentido e enfraquece as estruturas de plausibilidade. Nesse cenário, o peregrino não se ancora em uma tradição única, mas se movimenta entre várias, em um processo contínuo de busca. A fé deixa de ser herança e passa a ser itinerário. Ao mesmo tempo, o peregrino revela uma tensão característica da contemporaneidade, ele busca sentido, pertencimento e coerência, mas resiste a compromissos institucionais duradouros.

A figura do peregrino expressa uma transformação profunda da religião: de sistema estruturante da sociedade torna-se um recurso simbólico disponível ao indivíduo. Não se trata, necessariamente, de perda da fé, mas de sua reconfiguração, em que crer significa, antes de tudo, buscar. O que vai caracterizar a sociedade moderna é o aspecto das instituições religiosas

não mais manter o controle das crenças, porque escapam totalmente de suas mãos. As instituições religiosas que garantiam a orientação das pessoas na sociedade e controlava os indivíduos, perdem, cada vez mais, essa função social.

O que caracteriza, também, esse rompimento da religiosidade que se tornou plural na sociedade moderna, é a tendência geral à individualização e à subjetividade das crenças religiosas. Esse fenômeno se dá a partir de uma, como afirma, Hervieu-Léger (2008, p. 42), "liberdade com que os indivíduos constroem seu próprio sistema de fé, fora de qualquer referência a um corpo de crenças institucionalmente validado". Tal postura é caracterizada pela constatação do fenômeno "crer sem pertencer".

A pessoa é integrante de um grupo ou de uma religião, a qual lhe convêm, se ela se encaixa nos padrões de suas necessidades e de seus desejos. Sendo assim, ela consegue satisfazer à pessoa em seus aspectos existenciais. Com isso, surge uma ideia de superficialidade. A pessoa não consegue se solidificar em uma identidade que seja sólida e convicta. Ela se torna uma pessoa cheia de dúvidas e de incertezas na sua religiosidade ou espiritualidade e, não só nesse aspecto, mas em todos da sua vida existencial.

Se constroe uma identidade a partir de valores diversos das crenças e religiosidades passam a ser maleáveis e servem de diversos modos aos indivíduos, para suprir as suas necessidades existenciais. Na contemporaneidade, ocorre uma crise de transmissão de valores, seguindo a reflexão de Hervieu-Léger (2008, p. 58):

> Elas representam verdadeiras rupturas culturais que atingem profundamente a identidade social, a relação com o mundo e as capacidades de comunicação dos indivíduos. [...]. Elas correspondem a um remanejamento global das referências coletivas, a rupturas da memória, a uma reorganização dos valores que questionam os próprios fundamentos dos laços sociais.

As pessoas reivindicam seu próprio direito de "bricolagem". E o de escolher suas próprias crenças. Elas vão construindo a sua própria identidade

sociorreligiosa, a partir de variados elementos simbólicos que são colocados à sua disposição ou ainda aos quais eles podem ter acesso em razão das diversas experiência em que estão imbuídos. Essa nova identidade é o resultado recorrente de uma trajetória de identificação que ocorrem ao longo do tempo.

Estes abandonam normalmente a identidade religiosa que lhe foi dada como herança, seja para adotar uma outra que eles mesmos venham a escolher, seja para juntar-se à crescente população daqueles que se definem segundo Hervieu-Léger (2008, p. 72) "sem religião". Essa figura do religioso em movimento ele mesmo vai dar significação a sua existência a partir de sua singularidade e subjetividade passando pelos diversos grupos e crenças religiosas. Não permanece fixo num só lugar. Está sempre peregrinando. Para Hervieu-Léger (2008, p. 89-90):

> Cada um assume a responsabilidade pessoal de dar forma à referência à linhagem com a qual se identifica. Essa "religiosidade peregrina" individual, portanto, se caracteriza, antes de tudo, pela fluidez dos conteúdos de crença que elabora, ao mesmo tempo que pela incerteza das pertenças comunitárias às quais pode dar lugar.

O que distingui o praticante é a sua conformação a disposições fixas, que têm, por isso, um caráter de obrigação para todos os fiéis que abarca a dimensão comunitária. No caso do peregrino, é uma prática voluntária e individual ou pessoal. A prática peregrina significa que o indivíduo não permanece estável numa única crença ou grupo religioso. Está constantemente caminhando nos campos que lhe for conveniente e que supra os seus desejos e vazios interiores de modo espontâneo e emocional sem que ele tenha nenhum compromisso com nenhuma ou outra crença.

As transformações sociais, culturais e religiosas ocorridas na modernidade e intensificadas na pós-modernidade produziram novas formas de vivência da fé e de evangelização no interior da Igreja Católica. Nesse contexto, surgem as chamadas Novas Comunidades Católicas,

apresentadas como uma expressão de renovação do catolicismo e como resposta às mudanças experimentadas pela sociedade contemporânea.

A obra *Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno*, organizada por Brenda Carranza, Cecília Loreto Mariz e Marcelo Ayres Camurça (2009), analisa justamente esse fenômeno e suas repercussões sobre a identidade, a espiritualidade e a ação evangelizadora do catolicismo. As Novas Comunidades surgem, em grande medida, no interior da Renovação Carismática Católica, alimentando-se de sua espiritualidade e desenvolvendo, progressivamente, uma identidade própria.

Carranza, Mariz e Camurça (2009) destacam que essas comunidades se relacionam com a RCC, especialmente por meio da espiritualidade carismática, da atuação de fundadores e da utilização dos meios de comunicação. Nesse processo, elas desenvolvem novas formas de evangelização capazes de alcançar públicos que, muitas vezes, se encontram afastados das estruturas tradicionais da Igreja. A RCC desempenha, portanto, papel fundamental nesse processo de transformação do catolicismo. Seu estilo de espiritualidade valoriza uma experiência pessoal e emocional da fé, a ação do Espírito Santo, a oração, o louvor, a cura, a libertação e a manifestação dos dons espirituais.

Essa configuração aproxima determinadas práticas católicas de elementos característicos do pentecostalismo, produzindo aquilo que Carranza (2009) denomina de processo de neopentecostalização católica. A experiência religiosa passa a ser marcada não apenas pela adesão a uma doutrina, mas também pela busca de uma experiência pessoal e afetiva com Deus.

Outro aspecto fundamental desse novo modelo de evangelização é a utilização dos meios de comunicação. Rádio, televisão, música, eventos e, posteriormente, as redes sociais tornam-se instrumentos privilegiados para a expansão da mensagem religiosa. As novas comunidades conseguem, assim, ultrapassar os limites territoriais das paróquias e das comunidades locais, alcançando um público muito mais amplo.

A evangelização passa a ocupar também o espaço midiático, incorporando linguagens próprias da sociedade contemporânea. A evangelização assume formas mais dinâmicas, emocionais e comunicativas, utilizando recursos capazes de dialogar com a cultura contemporânea. A mídia deixa de ser apenas um instrumento auxiliar e passa a constituir um importante espaço de presença religiosa. Nesse sentido, as Novas Comunidades representam uma tentativa de responder à secularização e ao afastamento de parte da população das estruturas tradicionais da Igreja.

Esse processo também está relacionado à crescente participação dos leigos na missão evangelizadora. Historicamente, a evangelização esteve fortemente vinculada ao clero e às estruturas institucionais da Igreja. Entretanto, ao longo do século XX, movimentos e associações passaram a ampliar a participação dos leigos.

Carranza e Mariz (2009) recordam que esse processo já possuía antecedentes no catolicismo social do final do século XIX e ganhou novas configurações posteriormente com movimentos como a Ação Católica, as Comunidades Eclesiais de Base e a Renovação Carismática Católica. A atuação dos leigos ganha especial importância entre os jovens universitários. Os Grupos de Oração Universitários (GOUs), surgidos na década de 1980, constituem uma expressão dessa presença carismática no ambiente acadêmico. A proposta consiste em formar jovens capazes de integrar a experiência cristã à vida profissional e social.

Nesse sentido, a espiritualidade não se limita ao espaço religioso, mas pretende alcançar a universidade, o mercado de trabalho e os diferentes espaços sociais. As Novas Comunidades apresentam, contudo, características específicas que as distinguem tanto das comunidades paroquiais quanto dos chamados novos movimentos eclesiais. Segundo Carranza e Mariz (2009), essas comunidades procuram preservar determinada autonomia em relação às estruturas paroquiais e a outros movimentos religiosos. Embora muitas tenham sua origem na RCC, desenvolvem estruturas próprias, estatutos, sedes, casas de missão, formas

particulares de organização e mecanismos próprios de sustentação. Ao mesmo tempo, permanecem vinculadas à identidade católica e procuram manter relações com a hierarquia da Igreja.

Uma das características mais significativas dessas comunidades é a valorização da experiência pessoal com Deus. A oração, a Bíblia, a devoção mariana, a devoção aos santos, a cura, a 8 libertação e os dons do Espírito Santo constituem elementos recorrentes. A experiência religiosa assume, portanto, um caráter profundamente pessoal e emocional. Carranza e Mariz (2009) observam que as novas comunidades estimulam a transformação pessoal mediante a experiência religiosa e a vivência comunitária.

A Toca de Assis constitui um exemplo expressivo dessa diversidade. Fundada em 1994 pelo padre Roberto José Lettieri, a comunidade possui forte inspiração franciscana e uma espiritualidade centrada na pobreza e na devoção ao Santíssimo Sacramento. Sua proposta caracteriza-se por uma vivência radical do despojamento e pela atenção às pessoas em situação de rua. Conforme Portella (2009), a chamada "Pastoral de Rua" realiza ações concretas de cuidado, higiene, alimentação e assistência às pessoas que vivem nas ruas. A Toca de Assis também revela uma característica aparentemente paradoxal das Novas Comunidades: a combinação entre elementos tradicionais e formas contemporâneas de expressão religiosa. Ao mesmo tempo em que resgata práticas e símbolos associados ao período anterior ao Concílio Vaticano II, utiliza a música, os eventos e os meios de comunicação para divulgar sua mensagem.

Portella (2009) interpreta essa combinação como uma forma de contestação e restauração. Para determinados jovens, aderir a esse estilo de vida pode significar uma ruptura com os valores predominantes da sociedade e, simultaneamente, uma tentativa de recuperar elementos considerados esquecidos da tradição católica. Essa dimensão contracultural aparece especialmente na opção pela pobreza e pela renúncia aos valores do consumo. A escolha de uma vida marcada pelo despojamento constitui, nesse sentido, uma crítica prática à sociedade capitalista e consumista.

Portella (2009) observa que renunciar ao dinheiro e da possibilidade de utilizá-lo livremente pode ser compreendido como uma atitude contracultural diante de uma sociedade organizada em torno do consumo.

Outra experiência destacada no texto é a Comunidade Canção Nova, fundada em 1978 pelo monsenhor Jonas Abib. Sua atuação está profundamente relacionada à evangelização por meio dos meios de comunicação e, particularmente, à evangelização dos jovens. Oliveira (2009) destaca que a Canção Nova se constitui como uma comunidade de inspiração religiosa vinculada à Igreja Católica, mas marcada especialmente pela espiritualidade carismática. Seus membros vivem a experiência comunitária buscando aquilo que denominam "vida no Espírito".

A Canção Nova demonstra de modo particularmente claro como as novas comunidades utilizam a comunicação como instrumento de evangelização. Sua presença no rádio, na televisão e em outros meios permite uma expansão da mensagem para além dos espaços tradicionais da Igreja. Dessa maneira, a comunidade articula vida comunitária, espiritualidade carismática e comunicação social, constituindo uma das expressões mais significativas do catolicismo midiático brasileiro.

A Comunidade Shalom representa outra expressão importante desse fenômeno. Segundo Mariz e Aguilar (2009), a comunidade atrai jovens e adultos para atividades de evangelização e oferece diferentes formas de pertença, incluindo as comunidades de vida e de aliança. Sua atuação também se desenvolve por meio da comunicação, da educação e de projetos sociais. A comunidade mantém atividades voltadas para diferentes grupos socialmente vulneráveis, entre eles pessoas em situação de rua, dependentes de álcool, idosos, presidiários e outras populações necessitadas.

A atuação social da Shalom, assim como a experiência da Toca de Assis, mostra que a evangelização não se restringe à transmissão de conteúdos religiosos. A experiência de Deus é relacionada à ação concreta em favor dos necessitados. A missão evangelizadora passa, portanto, pela

assistência, pela educação, pela comunicação e pela transformação das realidades sociais. Diante desse conjunto de experiências, percebe-se que as Novas Comunidades Católicas constituem uma resposta às transformações da sociedade contemporânea.

A utilização de linguagens midiáticas, a valorização da experiência emocional, a autonomia organizativa e a recuperação de determinados elementos tradicionais podem gerar questionamentos entre aqueles que defendem formas mais rígidas e tradicionais de vivência do catolicismo. As Novas Comunidades revelam, assim, as tensões existentes entre continuidade e mudança, tradição e inovação, instituição e experiência religiosa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender as novas identidades religiosas no cenário contemporâneo é uma tarefa marcada por profunda complexidade, sobretudo à luz das análises de Berger; Luckmann (2004) e Danièle Hervieu-Léger (2015). A modernidade pluralista não apenas multiplicou as ofertas de sentido, mas também transformou radicalmente a forma como os indivíduos se relacionam com o crer, o pertencer e o praticar. Em primeiro lugar, como vimos, as identidades religiosas deixam de ser herdadas de modo estável para se tornarem construídas e negociadas. O sujeito contemporâneo já não se define exclusivamente por uma tradição recebida, mas por um percurso pessoal, muitas vezes fragmentado.

Em segundo lugar, há uma tensão entre autonomia individual e necessidade de pertencimento. Embora o indivíduo moderno valorize a liberdade de escolha, ele continua a buscar referências que sustentem sua experiência de sentido. Contudo, essas referências já não possuem a mesma força de plausibilidade social descrita por Berger e Luckmann (2004).

Pode-se concluir, portanto, que as Novas Comunidades Católicas representam uma das expressões mais significativas das transformações do

catolicismo contemporâneo. Originadas, em grande parte, no ambiente da Renovação Carismática Católica, elas desenvolveram formas próprias de espiritualidade, organização e evangelização. Sua presença nos meios de comunicação, sua capacidade de mobilizar leigos e jovens e sua atuação em diferentes áreas sociais demonstram a tentativa de responder aos desafios de uma sociedade secularizada e marcada por novas formas de relação com o sagrado. Mais do que simplesmente abandonar a tradição, essas comunidades parecem procurar uma nova maneira de reinterpretá-la e atualizá-la.

O "novo" aparece associado, muitas vezes, ao "antigo", produzindo experiências religiosas que combinam elementos aparentemente contraditórios: tradição e modernidade, rigor e emoção, contemplação e ação social, comunidade e mídia. É justamente nessa capacidade de articular diferentes dimensões que se encontra uma das características centrais das Novas Comunidades Católicas e de sua contribuição para a compreensão do catolicismo na contemporaneidade. Assim, as novas identidades religiosas revelam não uma simples crise da religião, mas uma reconfiguração profunda do crer, onde a busca de sentido persiste, ainda que sob formas mais plurais, instáveis e criativas.

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido*: a orientação do homem moderno. Petrópolis: Vozes, 2004.

CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília Loreto; CAMURÇA, Marcelo Ayres (org.). *Novas comunidades católicas*: em busca do espaço pós-moderno. Aparecida: Ideias & Letras, 2009.